

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.170208-2022-157-166>

Recebido em 25/04/2022. Aprovado em 10/06/2022.

ESPETÁCULOS DA MORTE: UM CENÁRIO POLÍTICO SPECTACLES OF DEATH: A POLITICAL SCENARIO

João Luiz Leitão Paravidini*
Maiza dos Santos Rodrigues**
Marcelo Hayeck***

Resumo: O cenário político brasileiro, entre 2017 e 2021, se compôs por cenas engendradas na repetição e perpetuação do espetáculo da morte e da violência nos meios de comunicação. A partir deste recorte, pretende-se destacar e compreender os mecanismos e o combustível que sustentam estas produções. Para isto, nos ancoramos em estudos freudianos sobre os aspectos psicológicos que embasam a formação das massas e a pulsão de morte enquanto instrumento de propagação compulsiva de manchetes, notícias e discursos destrutivos no espaço público. Desta forma, o presente artigo visa elencar manchetes, noticiários e discursos do chefe do Estado com intuito de sinalizar a espetacularização da morte como conteúdo consumido nos meios de comunicação e construir reflexões acerca da pulsão de morte enquanto propulsora de repetições e também de instauração de mudanças. A análise do conteúdo será realizada sob a luz da Psicanálise e seu trânsito com os outros campos do saber.

Palavras-chave: Psicologia; Discursos; Política; Pulsão de morte; Psicanálise.

Abstract: The Brazilian political scene, between 2017 and 2021, consisted of scenes engendered in the repetition and perpetuation of the spectacle of death and violence in the media. From this cutout, it is intended to highlight and understand the mechanisms and fuel that sustain these productions. For this, we are anchored in Freudian studies on the aspects of the psychological aspects that underlie the formation of the masses and the death drive as an instrument for the compulsive propagation of headlines, news and destructive discourses in the public space. In this way, this article aims to list headlines, news and speeches by the Head of State to signal the spectacularization of death as content consumed in the media and to build reflections about the death drive as a driver of repetitions and also for the establishment of changes. The content analysis will be carried out under the light of Psychoanalysis and its transit with the other fields of knowledge.

Keywords: Psychology; Discourse; Politics; Death drive; Psychoanalysis.

* Doutor em Ciências Médicas, Pós-Doutorado pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Atualmente é Professor Associado no curso de Psicologia -graduação e pós-graduação stricto-sensu da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: paravidini@ufu.br.

** Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: maiza_sr@hotmail.com.

*** Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: Marcelo.hayeck@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O cenário político brasileiro, entre 2017 e 2022, se compôs por cenas engendradas na repetição e perpetuação do espetáculo da morte e da violência nos meios de comunicação. Neste período “assistimos o levante de movimentos de orientação autoritária, embasados num discurso de ódio às minorias e à diversidade de pensamento” (SILVA; CARMINHO, 2019, 79). A partir deste recorte, pretende-se destacar e compreender os mecanismos e o combustível que sustentam estas produções. Para isto, nos ancoramos em estudos freudianos sobre os aspectos psicológicos que embasam a formação das massas e a pulsão de morte enquanto instrumento de propagação compulsiva de manchetes, notícias e discursos destrutivos no espaço público.

Contemporâneo de Freud, Theodor Adorno no ensaio *Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista* (1951) ilustra como a teoria freudiana sobre a psicologia dos grupos, publicado em 1921, antecipou a instrumentalização pulsional utilizada por agitadores na ascensão da mentalidade fascista. Mais de sete décadas após sua publicação, o ensaio de Adorno (1951) faz-se relevante para a compreensão dos fenômenos discursivos-políticos na cena contemporânea. Complementando o aporte teórico sobre a espetacularização da morte, foram resgatados escritos marxistas de Guy Debord, membro da vanguarda Internacional.

Atualmente, encontra-se nos meios de comunicação um vasto número de manchetes e notícias que descrevem discursos do chefe do Estado brasileiro desde a fase de pré-candidatura à Presidente da República do Brasil. São discursos e falas inundadas de conotação autoritária, segregadora, populista e ideológica utilizada para incitar as classes vistas por ele como “marginalizadas”: homossexuais, mulheres, negros, esquerdistas, pobres, a classe acadêmica e científica, colocando em cheque a democracia reconquistada na década de 80 com o fim da ditadura militar (SILVA, 2019).

Desta forma, o presente artigo visa elencar manchetes, noticiários e discursos do chefe do Estado com intuito de sinalizar a espetacularização da morte como conteúdo consumido nos meios de comunicação e construir reflexões acerca da pulsão de morte enquanto propulsora de repetições e também de instauração de mudanças. A análise do conteúdo será realizada sob a luz da Psicanálise e seu trânsito com os outros campos do saber.

O ESPETÁCULO E A ASCENSÃO DE UM LÍDER DESTRUTIVO

Guy Debord no livro *A sociedade do espetáculo* (1967/1997) faz uma crítica política e econômica dos meios de produção de sua época, cuja expansão do mercado e consumidores passivos já não se importam mais com limites e projetos políticos emancipatórios:

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação. [...] O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social

entre pessoas, mediada por imagens. [...] A sociedade que repousa sobre a indústria moderna não é fortuitamente ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente espetacular. No espetáculo, imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenvolvimento é tudo. O espetáculo não quer chegar a outra coisa senão a si próprio (DEBORD, [1967], 1997, p. 22-24).

O espetáculo é aquilo que vai mediar a relação entre os membros da sociedade, sendo o império das imagens a forma com a qual tal mediação é executada. Entretanto, o que se expõe na teoria deste autor é uma estrutura particular ao espetáculo que culmina em uma lógica de funcionamento social que perpetua as relações de poder, faz uso da aparência para justificar uma essência e paralisa os membros da sociedade (DEBORD, [1967], 1997).

Numa entrevista concedida à revista Carta Capital, intitulada *O que é bom aparece, e o que aparece é bom: uma análise do discurso de Bolsonaro*, a cientista política Deysi Cioccarri (2020) contextualiza uma frase do escritor Guy Debord, criador do conceito de sociedade do espetáculo: “o que é bom aparece, e o que aparece é bom” (DEBORD, 1967/1997, p. 16-17), para embasar a utilização tanto do silêncio, quanto do esbravejar contra os repórteres em frente às câmeras como estratégia de construção de imagem, alegando que:

[Bolsonaro] sobrevive sendo o espetáculo dele próprio, então, quando ele não tem mais argumento, mais o poder da retórica, ele desiste de gerir o sistema e passa a destruir. Isso dá like, isso dá visualização, e ele acaba sempre se mantendo em evidência (CIOCCARI, 2020).

Tal proposição implica na cisão entre a experiência e sua representação, produzindo uma imagem que é produto forjado para se tornar mercadoria. Nesta trama o interlocutor é capturado e preso na posição passiva de observador e consumidor que se satisfaz com o espetáculo uma vez que ele próprio foi constituído na lógica espetacular (DEBORD, [1967], 1997).

Segundo Debord (1967/1997), o espetáculo foca em desenrolar-se. É justamente no meio de um espetáculo que o público se enreda, mesmo que não vá alcançar lugar ou objetivo específico. Desta forma, o espetáculo não precisa acrescentar nada, basta ter um enredo com detalhes atrativos.

O chefe do Estado utiliza do espetáculo apresentado por si mesmo, enquanto protagonista principal, como instrumento para mediar sua relação com a massa. Através deste manejo, a imagem do líder moderno parece ampliar a personalidade de seus seguidores, representando uma projeção coletiva. Esta instrumentalização pulsional torna-se mais efetiva quando os envolvidos apresentam disposições caracterológicas e inclinações libidinais semelhantes (ADORNO, 1951).

O produto ofertado pelo governo, através figura do chefe de Estado, é a de um messias, imbuído da potência para corrigir a nação brasileira e reescrever a cultura sob um parâmetro hercúleo. No discurso de posse no Congresso Nacional o presidente afirma:

Este momento não tem preço. Servir a pátria como chefe do Executivo, e isso só está sendo possível porque Deus preservou a minha vida e vocês acreditaram em mim (...) Obrigado,

meu Deus. Com humildade volto a esta Casa onde por 28 anos me empenhei em servir a nação brasileira, travando grandes embates e acumulei experiências e aprendizados que me deram a oportunidade de crescer e amadurecer (BRASIL, 2019).

Aqui, temos o surgimento da figura paradoxal de um super-homem, descrita por Adorno (1951) como aquele líder que deve ao mesmo tempo realizar o milagre de se aparecer como uma pessoa comum, mas se investir como aquele que salvará a pátria. Sobre este mesmo mecanismo, Freud (1920/1969) interpreta:

Interpretamos esse prodígio com a significação de que o indivíduo abandona seu ideal do ego e o substitui pelo ideal do grupo, tal como é corporificado no líder [...]. Em muitos indivíduos, a separação entre o ego e o ideal do ego não se acha muito avançada e os dois ainda coincidem facilmente; o ego amiúde preservou sua primitiva autocomplacência narcisista. A seleção do líder é muitíssimo facilitada por essa circunstância. Com frequência precisa apenas possuir as qualidades típicas dos indivíduos interessados sob uma forma pura, clara e particularmente acentuada, necessitando somente fornecer uma impressão de maior força e de mais liberdade de libido. (FREUD, 1969, p. 80-81).

Adorno (1951) afirma que este líder deve forjar e/ou apresentar características semelhantes aos seus seguidores, provocando a ideia de ampliação dos mesmos. Este movimento fica nítido no seguinte verso do discurso de posse de Jair Bolsonaro no Congresso Nacional: “hoje aqui estou fortalecido, emocionado e profundamente agradecido a Deus pela minha vida e aos brasileiros que confiaram a mim a honrosa de governar o Brasil, neste período de grandes desafios e ao e ao mesmo tempo de enorme esperança, **governar com vocês**” (Brasil, 2019). Nota-se que neste trecho o ele amplia seu “poder” de governo ao povo, ainda que inatingível.

Em acordo com isto, a estratégia personalizada até aqui é o conceito do grande homem comum, um sujeito que sugere tanto onipotência quanto a ideia de ser uma figura comum. Esta imagem provoca uma ambivalência capaz de satisfazer o duplo desejo de seus seguidores de se submeterem à autoridade e de serem a própria autoridade (ADORNO, 1951).

Cabe resgatar que, através de palavras e/ou atos, são produzidas cenas que posicionam personagens e mostram a relação que estabelecem entre si. E esse é, também, um potente vetor analítico que permite dizer das ações e sentidos do discurso-ato (MAINGUENEAU, 2000). A junção dos elementos espetacularização e mecanismo de identificação entre o líder e seus seguidores sustentam a ascensão de um líder com alto poder destrutivo rumo à pulsão de morte transmitida pelos meios de comunicação.

REPETIÇÃO E PERPETUAÇÃO DO ESPETÁCULO DA MORTE E DA VIOLÊNCIA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A violência mortífera se dá tanto na forma quanto no conteúdo do espetáculo, sobretudo considerando o público extasiado que adere a este discurso e se faz submisso perante um outro falso todo-poderoso. Há uma parcela da população que clama pela proposta inconstitucional da supremacia do poder Executivo perante o Legislativo e

Judiciário, ainda com o auxílio de intervenção militar (G1, 2020). Além dos mecanismos de identificação, o espaço público é invadido pela pulsão de morte com o despontar do desejo de retorno a verdade material da ditadura militar no Brasil.

No artigo escrito para a Folha de São Paulo, intitulado *Freud explica Bolsonaro na pandemia com conceito de pulsão de morte*, o psicanalista Christian Dunker (2021) resgata que a pulsão de morte alimenta a tendência de retorno ao estado anterior, o que explicaria o desejo irracional pela repetição, mesmo que este implique dor, desprazer e morte. Freud na obra *Além do Princípio do Prazer* (1920/1996) postula o conceito pulsão de morte:

Parece, então que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica (FREUD, [1920], 1966, p.23).

Sobre a compulsão à repetição, Freud ([1920], 1996) alega que estas pulsões são excitações elevadíssimas impossíveis de serem recalçadas, isto é, não podem ser impedidas pela razão de atingirem a consciência. Analisando seus pacientes, Freud percebeu havia uma repetição compulsória de situações indesejadas e penosas.

A partir desta conjuntura, analisamos a engenhosidade da pulsão de morte no nível coletivo: há uma imensa pressão para que essa pulsão seja descarregada via compulsão à repetição. Isto pode ser observado e destacado nas manchetes: *Referências à ditadura militar são recorrentes entre a família Bolsonaro e integrantes do governo* (O GLOBO, 2019) e *Veja 10 frases polêmicas de Bolsonaro sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar* (FOLHA, 2019). Em ambos os noticiários, o presidente se mostra nitidamente favorável à tortura. Antes destas divulgações, no programa Pânico, da Rádio Jovem Pan, em julho de 2016, Bolsonaro reitera seu discurso e afirma: “o erro da ditadura foi torturar e não matar” (VEJA, 2019).

Outra prática dos agitadores é o movimento de hostilidade e perseguição, exemplificada no seguinte noticiário – *Presidente Bolsonaro promove 245 ataques contra o jornalismo no primeiro semestre* publicado no site oficial da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2020):

A Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) divulga nesta quinta-feira, 2 de julho, dados atualizados sobre o monitoramento de ataques contra o jornalismo por parte do Presidente da República, Jair Bolsonaro, referentes ao primeiro semestre de 2020. Foram registradas 245 ocorrências de janeiro a junho de 2020, sendo 211 categorizadas como descrédibilização da imprensa, 32 ataques pessoais a jornalistas e 2 ataques contra a FENAJ. São quase dez ataques ao trabalho jornalístico por semana, neste ano. O monitoramento da FENAJ contempla declarações públicas do presidente em suas lives publicadas no YouTube, conta pessoal no Twitter, vídeos de entrevistas coletivas em frente ao Palácio do Alvorada e transcrições de discursos e entrevistas disponibilizadas no portal do Planalto.

Esse ataque veemente à imprensa escancara a hostilidade destinada aos “out-group”, os não-pertencedores da massa, movimento antecipado na obra *O Mal-estar na*

Civilização (1930/1996), em que Freud explica: nas antipatias e aversões que os sujeitos sentem em relação aos estrangeiros, ou seja, “*out-group*”, se reflete o amor próprio do narcisismo, e este trabalha no sentido de auto-afirmação do indivíduo, e interpreta qualquer divergência em relação as suas linhas particulares como crítica ou solicitação de mudança. Isto é, a defesa então é atacar e destruir o grupo ameaçador do narcísico.

Os enunciados que justificam as ações do governo e dos seus representantes para com a sociedade evocam antes imagens sociais de pureza e correções de desvios do que projetos para a construção de um espaço público comum, investindo na unanimidade de uma sociedade enlaçada por uma normatividade forjada em nome do “*in-group*” e seu fortalecimento. O fio condutor desta determinada normatividade é o discurso de ódio às “*minorias*”, exemplificado nas manchetes: ‘*Sou homofóbico, sim, com muito orgulho*’, diz Bolsonaro em vídeo (CATRACA LIVRE, 2019); “*País de maricas*” consolida Bolsonaro como líder do machismo e homofobia (UOL, 2020); *Veja falas preconceituosas de Bolsonaro e o que diz a lei sobre injúria e racismo* (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020); *Bolsonaro e a misoginia como política pública* (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

O trabalho da secretaria de cultura foi pautado por escândalos (BRANT & FERNANDES, 2020). O primeiro líder do setor saiu após produções LGBTQIA+ serem censuradas e proibidas no orçamento. O mote da pasta repudia menções aos ideais de esquerda que são encarados com violência e metáforas de extermínio. O segundo chefe do gabinete foi expulso após divulgar um vídeo inspirado em Goebbels, ministro da propaganda de Hitler. A terceira responsável pela pasta teve sua permanência marcada por discursos confusos, frisados por tons jocosos em relação a ditadura militar, tortura e morte, além da desvalorização da diversidade nas manifestações culturais. O quarto condutor do ministério reduz exposições contraditórias e escárnios.

Ademais, a política de governo atual é contra a educação sexual (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). Esta não é a solução deste entrave civilizatório, mas é um indicativo de que a sexualidade é relegada a um campo político obscurecido. Não obstante, o capitão de Estado sugere aos pais que retirem os textos ou as partes que trabalhem a sexualidade para os jovens (O GLOBO, 2019). Pastas do governo defendem a abstinência sexual e a prorrogação dos intercursos sexuais como forma de controle da sexualidade na adolescência (O GLOBO, 2020; ISTOÉ, 2020).

Na busca por ilustrar o combate incisivo em relação a educação sexual, a matéria cita as palavras do presidente: “Quem ensina sexo para a criança é o papai e a mamãe. Escola é lugar de aprender física, matemática, química. Fazer com que no futuro tenhamos um bom empregado, um bom patrão e um bom liberal. Esse é o objetivo da educação” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). Este discurso encontra amparo nos argumentos perdurados pelo líder de Estado: notícias falsas, divulgadas pelas mídias digitais, sobre indução à homossexualidade, alusão ao sexo oral em um pênis na amamentação via o bico de uma mamadeira e a execução e o estímulo de práticas onanistas em recém-nascidos (BARRAGÁN, 2018; COLETTA, 2018; FIGUEIREDO, 2018; FÓRUM, 2020).

Até aqui são registrados discursos e falas, transmitidos pelos meios de comunicação, que compõem um espetáculo violento que propaga regressões a estados

arcaicos impostos por políticas conservadoras. Através dos recortes apresentados, nota-se a repetição infatigável de alusões a torturas, homofobia, misoginia, entre outras tantas violências percursoras de uma energia que excede, além dos mecanismos psíquicos, mecanismos sociais de defesa e provoca paralisia e, muitas vezes, o silenciamento dos sujeitos.

“E foi assim que terminamos não na tragédia, mas no pesadelo” (SALLES, 2020) é uma frase que sumariza a condição histórica-política atual do Brasil. O autor defende que a tragédia implica uma queda homérica e a possibilidade de se atribuir e elaborar significações coletivas para a morte, enquanto o pesadelo se resume a um estado de terror que dilacera a população. Para tanto, condensa o gozo e as manifestações da morte no discurso presidencial: “E daí?” – provoca o chefe de Estado diante da calamidade pública.

A morte – o poder da morte – se torna um projeto político. O discurso presidencial se ancora em palavras-chaves, repetitivas, “Estupro, tortura, fuzil, exterminou, morra, morrido, matando, pavor, Ustra” e a morte é celebrada pelo líder e pela turba ao se evocar o desejo de “fuzilar a petralhada” (SALLES, 2020). Esta face da morte não é nova, sequer há uma criatividade na construção do mito, pois como Adorno ([1951], 2015, p.154) apontou a sete décadas atrás: “A similaridade das expressões de vários agitadores [...] é tão grande que basta em princípio analisar as declarações de um deles para conhecê-los todos”.

PULSÃO DE MORTE: TAMBÉM UM PODER DE RECONSTRUÇÃO

As pulsões de vida e morte são apresentadas por Freud (1920/1996) interligadas por fusões (ligações) e desfusões (dissoluções): enquanto a libido promoveria novos ligamentos, toda energia destrutiva tende a operar desintegrações. Entretanto, Freud logo adverte que a pulsão jamais se encontra em um só estado pleno, ou seja, não há pulsão de morte pura em embate com a vida.

Esta perspectiva é importante para não reduzir a força criativa por trás da pulsão de morte. Autores contemporâneos vão retomar os escritos freudianos e se debruçar sobre as implicações políticas desse conceito psicanalítico. Se, a pulsão de morte tomada estritamente como demanda de destruição soa como justificativa natural para a violência, é preciso retomar o seu poder disruptivo, isto é, aquilo que dá forças para dissolver investimentos e criar outros (OLIVEIRA; WINOGRAD; FORTES, 2016).

Por falar na força da pulsão, Freud (1915/1969) aponta a *pressão* exercida pela necessidade de descarga. A pressão seria a exigência de trabalho que determinada carga pulsional vai demandar dos sujeitos para a sua satisfação. Diante do cenário político atual e das diversas manifestações discursivas da violência contra grupos marginalizados existe a construção de uma tensão e que tomado pelo viés da pulsão precisa encontrar uma vazão.

Negar tal face da pulsão é esquecer que seu objetivo é pressionar o aparelho psíquico a trabalhar sob a partir das tensões, dentre as quais aqui se elegem aquelas advindas do plano político. Safatle ampara esta discussão em seu livro sobre *Maneiras de transformar mundos* (2020), em que é abordada a necessidade de se dissolver aquilo que sustenta o poder nas formas de governo atuais para se instaurar algo novo.

Tomando os mecanismos de identificação e transferência, podemos decompor a construção da figura do líder inspirado no super-homem dito por Adorno (1951). A imagem do pequeno grande homem no poder se sustenta na identificação da massa e na transferência de expectativas onipotentes para o líder. Safatle (2020) advoga que não há manutenção de um poder autoritário sem os já citados mecanismos. A saída possível para transformar a realidade política seria a dissolução, ou melhor dizendo, um movimento de destituição subjetiva.

Destituição do lugar ocupado pela figura de poder, mas não somente, pois além de destituir o líder, se faz preciso resistir para ocupar esse lugar por outra figura de liderança. Para tanto, se faz necessário um movimento de liquidação da transferência: dissolver algo e se abrir para as possibilidades de novas relações de poder que não sejam relações de dominação e violência (SAFATLE, 2020).

CONCLUSÃO

Adorno, ao articular *A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* (1951/2015) discorre sobre as peculiaridades de um vínculo libidinal submetido a violência. Às vezes, não há o que amar, pois não se é possível prezar pelos ideais almejados pela turba, tampouco amar os líderes totalitaristas que encarnam uma imagem imaculada e fazem uso de uma linguagem mágica. A palavra é dotada de magia como se um grito de guerra bastasse para alterar a fábrica da realidade. O inconsciente é negado ao conjurar um ideal de pureza e acreditar piamente que se é puro. Literalmente. Não há negativo, isto é, não existem conteúdos operando sob a lógica do recalque. Tal concepção não é possível aqui, à vista de que o inconsciente não precisa de autorização para existir, ele simplesmente existe, ou melhor, ele escapa.

A função do psicanalista pode ser a de apontar as lacunas, as hiências e sobretudo as urgências presentes na cultura. Ao abordar a relação entre moral, demandas extremas de recalque, dificuldades de sublimação e o adoecimento do sujeito, Freud escreve em *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno* ([1908]2015, p.213): “Certamente não cabe a um médico apresentar-se com propostas de reforma; mas achei que podia enfatizar a urgência de tais reformas [...]”.

Feito as devidas ressalvas quanto a parcialidade e o reducionismo, observar estes enunciados é encarar o horror que circunda os sujeitos contemporâneos. Dentro desta conjuntura, ao buscar um elemento que possa se apresentar como comum a todos, eleger-se a *violência* enquanto expressão da pulsão de morte. Ao passo que isto enlaça os sujeitos, rompe com a lógica do laço social. Entretanto, isso que rompe com a lógica de buscar amparo no outro pela via do amor sofre uma mutação: há vínculo, mas a união com o coletivo passa a ser sob o regime da violência.

Qual o interesse público na espetacularização da morte? Em última análise este trabalho se desenvolveu a partir de duas perspectivas distintas.

A primeira reside na tentativa de furar a compulsão à repetição através da implicação dos agentes sociais na construção de um projeto político a par da cena contemporânea. A segunda se apoia sobre uma manifestação avassaladora da pulsão de

morte que resulta na devastação e numa espécie de ligação libidinal grupal baseada na violência, cujos sujeitos, paralisados, se tornam servis à Tânatos ao apenas consumir a tragédia.

Entretanto, a pulsão de morte não é somente aquilo que devasta, pois também é o motor por trás da instauração de algo novo. No plano político, a morte é justamente aquilo que pode vir a barrar a morte. Isso pode ocorrer ao dissolver os investimentos depositados no circuito político atual e permitir que a pulsão de vida cumpra a sua função: encontrar outros objetos para amar que consigam fazer força contra as tensões e os conflitos postulados pela cultura.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. W. A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: *Ensaios sobre Psicologia Social e Psicanálise* (p. 153-189). São Paulo: Editora UNESP. 1951/2015.
- BRASIL. Jair Bolsonaro (2018 – 2022: Jair Messias Bolsonaro). Discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso. Brasília, 1 de janeiro, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2021
- CATRACA LIVRE. ‘Sou homofóbico, sim, com muito orgulho’, diz Bolsonaro em vídeo. 2018. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video/> Acesso em 22 jun. 2021.
- CIOCCARI, Deysi. “O que é bom aparece, e o que aparece é bom”: uma análise do discurso de Bolsonaro. [Entrevista concedida a] Mariana Galvani. *Revista CartaCapital*, 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-e-bom-aparece-e-o-que-aparece-e-bom-uma-analise-do-discurso-de-bolsonaro>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- DUNKER, Christian. Freud explica Bolsonaro na pandemia com conceito de pulsão de morte. *Folha de São Paulo*, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/03/freud-explica-bolsonaro-na-pandemia-com-conceito-de-pulsao-de-morte.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1967/1997.
- FENAJ. Presidente Bolsonaro promove 245 ataques contra o jornalismo no primeiro semestre. *FENAJ*, 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/presidente-bolsonaro-promove-245-ataques-contr-o-jornalismo-no-primeiro-semester/>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- FOLHA DE S. PAULO. Bolsonaro estuda indicar procurador para Educação após crise com evangélicos. *Folha de São Paulo*, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/11/bolsonaro-estuda-indicar-procurador-para-o-mec-apos-crise-com-bancada-evangelica.shtml>. Acesso em: 1 nov. 2020.
- FOLHA DE S. PAULO. Veja 10 frases polêmicas de Bolsonaro sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar. *Folha de São Paulo*, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/veja-10-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-o-golpe-de-1964-e-a-ditadura-militar.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- FOLHA DE S. PAULO. Veja falas preconceituosas de Bolsonaro e o que diz a lei sobre injúria e racismo. *Folha de São Paulo*, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/veja-falas-preconceituosas-de-bolsonaro-e-o-que-diz-a-lei-sobre-injuria-e-racismo.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- FOLHA DE S. PAULO. Bolsonaro e a misoginia como política pública. *Folha de São Paulo*, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/08/bolsonaro-e-a-misoginia-como-politica-publica.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- FÓRUM. Bolsonaro publica fake news ao estilo “mamadeira de piroca” sobre a OMS e apaga postagem. *Fórum*, 2020. Acesso em: <https://revistaforum.com.br/noticias/bolsonaro-publica-fake-news-ao-estilo-mamadeira-de-piroca-sobre-a-oms-e-apaga-postagem/>. Acesso em: 1 nov. 2020.

- FBSP. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, 2017. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/01/ANUARIO_11_2017.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.
- FBSP. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, 2019. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021.
- FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras. 1920/1996.
- FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo. In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras. 1920/1996.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras. 1930/1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. Aula: sobre o discurso e a análise do discurso. In M. Guirado, *A clínica psicanalítica na sombra do discurso: diálogos com aulas de Dominique Maingueneau* (pp. 21-31). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2000.
- O GLOBO. Bolsonaro sugere que pais rasguem páginas sobre educação sexual de Caderneta de Saúde da Adolescente. *O Globo*, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-sugere-que-pais-rasguem-paginas-sobre-educacao-sexual-de-caderneta-de-saude-da-adolescente-23506442>. Acesso em: 1 nov. 2020.
- O GLOBO. Campanha do governo federal pela abstinência sexual começa em fevereiro. *O Globo*, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/campanha-do-governo-federal-pela-abstinencia-sexual-comeca-em-fevereiro-24205628>. Acesso em: 1 nov. 2020.
- O GLOBO. Referências à ditadura militar são recorrentes entre a família Bolsonaro e integrantes do governo. *O Globo*, 26 nov. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/referencias-ditadura-militar-sao-recorrentes-entre-familia-bolsonaro-integrantes-do-governo-1-24103165>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- OLIVEIRA, Mariana. T. de; Winograd, Monah.; FORTES, Isabel. A pulsão de morte contra a pulsão de morte: a negatividade necessária. *Psicologia Clínica*, 28 (2), 29-88. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200005.
- SAFATLE, Vladimir. *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Belo Horizonte: Grupo Autêntica. 2020.
- SILVA, Tayane. C.F. C.; Caminha, IRAQUITAN. O. O fascismo e as massas: uma análise da teoria freudiana sobre o contágio do ódio. *Problemata*. 10 (5), 78-187. 2019.
- SILVA, Cris. G. C. A Bolsonarização do Espaço Público. Uma Análise Foucaultiana sobre os conceitos de Pós-verdade, Fake News e Discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, AM, 2019.
- VEJA. “Erro da ditadura foi torturar e não matar”, disse Hitler ou Bolsonaro? *Veja*, 2019. Disponível em <https://veja.abril.com.br/mundo/erro-da-ditadura-foi-torturar-e-nao-matar-disse-hitler-ou-bolsonaro>. Acesso em: 22 jun. 2021



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.